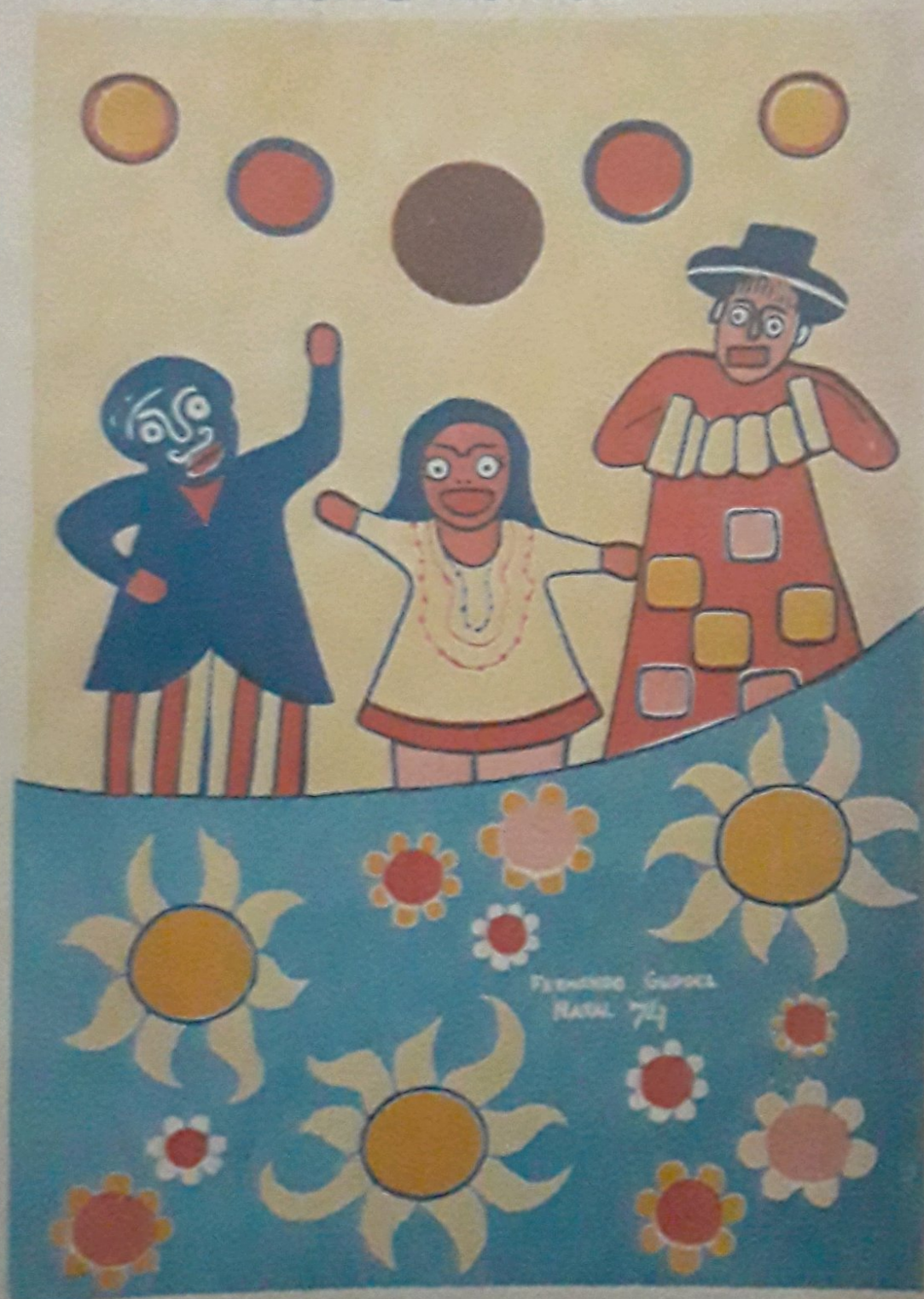


Teatro de João Redondo

José Bezerra Gomes



FUNDAÇÃO "JOSÉ AUGUSTO"

Natal — RN — 1975

José Bezerra Gomes

TEATRO
DE JOÃO REDONDO

NATAL — 1975

Biografia

"Seu" Gomes, José Bezerra Gomes, nasceu na casa-grande do sítio Brejuí, município de Currais Novos (RN), no dia 9 de março de 1911.

Viveu toda sua infância no sertão do Seridó, cenário e drama de toda sua criação literária: poesia, romance, pesquisa folclórica...

Em certa fase de sua vida, "seu" Gomes andou pelo Sul do Brasil, estudando Direito, fazendo poesia, participando de importante movimento literário, ao lado de Dantas Mota, Cristiano Martins, Osvaldo Alves e outros.

Em 1941, voltou ao seu Estado, para dignificá-lo com o fecundo labor de sua inteligência. E, entre outras coisas, pesquisou e escreveu sobre o teatro de bonecos do "João Redondo", o mamulengo do Rio Grande do Norte, que ora se publica em livro, obra por todos os títulos meritória, não fosse pela inteligência e a brilhante vocação cultural do seu autor, pela inexistência de pesquisas semelhantes em nossa literatura folclórica.

Bibliografia

- Os Brutos — romance — Irmãos Pontetti Editores Rio — 1938 — Capa de Paulo Werneck
- Por que não se casa, Doutor? — Romance — Edição de "Surto" — Natal — 1944.
- Por que não se casa, Doutor? — Irmãos Pongetti Editores — Rio — 1945.
- Retrato de Ferreira Itajubá — Ensaio de compreensão — Edição de "Surto" — Natal-1944.
- Obras Completas de Ferreira Itajubá (inédito).
- Antologia Poética — Fundação José Augusto — 1974.
- A Porta e o Vento — Romance — Fundação José Augusto — 1974.

Sumário

— BIOGRAFIA	7
— BIBLIOGRAFIA	9
— PREFÁCIO	15
— INTRODUÇÃO	21
— RESENHA BIBLIOGRÁFICA	23
— REGISTRO PARA RECOLHIMENTO DO TEATRO DE JOÃO REDONDO	26
— NOMENCLATURA	30
— VERSÃO REPRESENTATIVA DO BRINQUEDO	32
— NOTAS DO RECOLHENTE	48
— CONCLUSÃO	50

JOSE BEZERRA GOMES

TEATRO DE JOÃO REDONDO
Nomenclatura — Repertório — Auto

— Extrato, pelo autor, de sua tese — “O Brinquedo de João Redondo” —, aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore (Rio de Janeiro — 1951), para a presente edição, em livro.

Natal — RN

1 9 7 5

PREFÁCIO DE
LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Assisti o plenário do primeiro Congresso Brasileiro de Folclore aprovar essa pesquisa do dr JOSÉ BEZERRA GOMES, "O Brinquedo de João Redondo", constante do texto subsequente

Reunidos no auditório do Ministério da Educação, agosto de 1951, no Rio de Janeiro, os delegados brasileiros e participantes estrangeiros felicitaram o jovem autor pela excelencia da investigação e fidelidade do registro.

Fui o Relator Geral. Dou apenas o testemunho que o JOAO REDONDO, animado pelas vozes e gestos de Sebastião Severino Dantas Bastos, motivou a legítima e suficiente comunicação de JOSÉ BEZERRA GOMES, levando a contribuição seridoense ao patrimonio universal e milenar do folclore, vivo em todos os povos e perpetuado em todos os idiomas do Mundo.

Estudei-o no DICCIONARIO DO FOLCLORE BRASILEIRO, dispensando documentação, notória e habilmente exposta pelo coletaneador de Currais Novos.

Sua publicação valoriza a região onde exista, o elemento humano que o mantenha, a entidade cuja inteligência, patriotismo útil e vocação cultural, faça-o imprimir para a circulação e aplauso nacionais.

Cidade do Natal.

Outubro de 1969.

LUIS DA CAMARA CASCUDO

ILUSTRAÇÕES AO TEXTO

— Constituem nímia gentileza devida pelo autor ao fotógrafo Raimundo Nunes Bezerra (Currais Novos-RN-1950) as fotografias que envolvem flagrantes demonstrativos da representação do tradicional Brinquedo de João Redondo.

INTRODUÇÃO

Quando exerci o mandato de vereador pela Câmara Municipal da Prefeitura de Currais Novos (RN), apresentei um projeto de lei, sancionado pelo poder administrativo daquela edilidade, ordenando a criação da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Currais Novos, com a função de órgão destinado a zelar pelo patrimônio, histórico e cultural, do município de Currais Novos. (1)

Designado, a título meritório, pelo Prefeito Municipal, em exercício, Dr. Sílvio Bezerra de Melo, para o cargo de Diretor da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Currais Novos, dei os passos iniciais, para sua organização, dentro de sua programação esquematizada, para comportamento de sua útil finalidade.

Pesquisando os divertimentos tradicionais, dentro da região seridoense, detive minha atenção na presença do chamado brinquedo de João Redondo, de que recolhi a versão corrente de seu repertório, para registro do auto seguido, adotado, em sua função representativa de teatro, ambulante, senhor de sua nomenclatura característica.

Na qualidade de delegado do município de Currais Novos, com que participei do I Congresso Brasileiro de Folclore, promovido pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (I. B. E. C. C.), realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951, apresentei, de minha autoria, a tese, com o título de "O Brinquedo de João Redondo". Aprovada pela autoridade de tão expressivo certame nacional.

Com o título de "Recolhimento do Teatro de João Redondo" — Nomenclatura — Repertório — Auto —, passa agora a ser divulgado, em livro, o fruto do trabalho do autor.

Objeto da presente edição.

Externa-se o autor desvanecido pela luz do Prefácio, trazida pela bondade de seu velho e eminente mestre Luís da Câmara Cascudo, para apresentação da edição do presente livro.

(1) Vd. Lei Municipal N.º 1, de 10 de junho de 1948, ordenando a criação da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Currais Novos (RN).

Registro o autor constar do arquivo cultural da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Currais Novos o cadastro do tradicional brinquedo de João Redondo, catalogado diante da composição de sua nomenclatura conhecida.

Observação com a qual deixa o autor explícito pertencer-lhe o labor envidado para levantamento do histórico do tradicional brinquedo de João Redondo, objeto de sua tese — "O Brinquedo de João Redondo" — nomenclatura — repertório — auto —, aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore (Rio de Janeiro — 1951).

RESENHA BIBLIOGRAFICA PARA HISTORICO DO TEATRO DE JOAO REDONDO

O chamado brinquedo de João Redondo, como é conhecido, através da tradição do populário nordestino encontra aceitação universal, atestando a sua manifestação remota, perdida na delonga da sua indagação, para quem lhe rebusque a própria origem.

Observa Hermilo Borba Filho, pesquisando o histórico do mamulengo, em seu trabalho com o título de "Arte Popular do Nordeste": Na Idade Média, quando a Igreja valeu-se do teatro de marionetes para a difusão do espírito religioso, visando atrair a atenção dos fiéis de maneira direta e objetiva, essa forma de espetáculo adquiriu, também, a denominação de Presépio, no qual figura o Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Deve ter sido sob esse feitio que a representação entrou no Brasil". (1)

Henry Koster, em sua obra "Viagens ao Nordeste do Brasil" ("Travels in Brazil," 1816), registra-lhe a presença, com a designação originária, inglesa de **puppet-shows**, vertida, em português, para "mamulengo", na tradução feita por Luís da Câmara Cascudo da mencionada obra do exato observador inglês: "Houve mamulengo (12), saltibancos e todas as várias atrações em abundância, fogo-de-vistas, fogueiras, rumor, povo, não faltando as brigas. Dentro da Capela, era o comum espetáculo — grande exibição de velas de cera, orações e música". (2)

Adianta Luís da Câmara Cascudo, em sua nota (12), referente, elucidativa da versão, recorrida, pelo ilustre tradutor: " (12) **Puppet-shows**, teatro de bonecas, João Redondo. Se Koster perguntou o nome do brinquedo, disseram-lhe naturalmente que era um mamulengo. No "Dicionário de Vocábulos Brasileiros" (Rio de Janeiro, 1889, p. 86) Beaurepaire Roham descreve fielmente: "MAMULENGO, espécie de divertimento popular em Pernambuco, que consiste em representações dramáticas, por meio de bonecos, em um pé-

queno palco alguma coisa elevado. Por detrás de uma empanada, esconde-se uma ou duas pessoas adestradas, e fazem com que os bonecos se exibam com movimento e fala. Tem lugar por ocasião das festividades de igreja, principalmente nos arrabaldes. O povo aplaude e se deleita com essa distração, recompensando seus autores com pequenas dádivas pecuniárias. OS MAMULENGOS entre nós são mais ou menos, o que os franceses chamam *marionette* ou *polichinelle*". No Rio de Janeiro conheciam-no por "João Minhoca". Ver João do Rio, "Vida Vertiginosa", p.p-258. (C.)" — (3)

É o vocábulo **mamulengo**, "de etimologia desconhecida," para Antenor Nascentes (4)

Recebe registro, no plural, por Laudelino Freire: "MAMULENGOS, s. m. pl. Divertimento popular, que consiste em representações dramáticas por meio de bonecos". (5)

Em sua sinonímia, **mamulengo** significa o mesmo que *títere*, do espanhol *títere*. Corresponde á *marionette* francesa, de Marion, diminutivo de Marie. Equivale ao *puppet* inglês. Expressa o mesmo que *fantoccio*, italiano, donde, *fantoche*, em português, derivado do francês: *fantoche*. Assemelha-se a bonifrates, que parece vir de um latim *bonifrates*, significando "bons irmãos." Adolfo Coelho julga o termo forjado. (6)

J. Galante de Sousa, em sua obra "O Teatro no Brasil" (7), abre um capítulo, especial, dedicado ao teatro de bonifrates, através de seu conceito de teatro popular, com sua representação conhecida, entre nós, desde o alvorecer do século XVIII.

Para o histórico do teatro de mamulengo, dentro da bibliografia brasileira, destaca-se o livro de Hermilo Borba Filho, sob o título de "Fisionomia e Espírito do Mamulengo" — (O Teatro Popular do Nordeste) — Edição Ilustrada. (8)

Extensa é a bibliografia, reunida pelo autor, em seu livro, levantando o histórico do teatro de mamulengo, dentro da sua expressão universal e regional. (9)

Divulga o autor, em seu livro, a versão do "O Mistério da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Com todos os personagens para os teatros de Marionetes, (Reconstruído conforme o espetáculo, por Michel de Choldorodo. (10)

Dentro da bibliografia internacional, a propósito do teatro de títeres, salienta-se o estudo de Roberto Lago — "El Teatro Guignol y su Implantación en México", publica-

do no "Anuário de 1ª Sociedade Folclórica do México" — México — 1944. (11)

Refere o autor que Maese Guignol, Monsieur Guignol, Chignol, de si mesmo um tanto incerto e de remota origem italiana, aparece, pela primeira vez, no mês de outubro de 1808, em cena, em um café, situado na Praça de Saint-Paul, na cidade de Lyon, na França, exibindo os seus bonecos, publicamente.

O êxito do espetáculo, exibido por Maese Guignol, para o público, naquela época e naquela cidade francesa, contribuiu para celebridade do seu mencionado-Teatro Guignol —, através de sua repercussão internacional.

Variada é a bibliografia, nacional e estrangeira, em redor da presença do teatro de títeres, perdida na delonga de seu passado distante e obscuro.

Tecendo-lhe o histórico, recorda Jacques Chesnais: "A marionete é velha como o mundo. Renasce de suas próprias cinzas. É então um ser nôvo que é preciso aprender a conhecer para amá-lo, amando-o para aceitar e perdoar seus defeitos (ou o que pode parecer defeito ao profano). Ela é uma filha natural da poesia. Tôdas as fadas do mundo comparecem ao seu nascimento, levando-lhe dons e honrarias. É imortal, embora habitando na terra e tendo sido criada para fazer os homens esquecerem suas preocupações. Diverte as crianças, encanta as pessoas grandes, toca o simples, oferece um prazer delicado ao enfasiado e ao céptico. É um jogo dos deuses, pôsto por êles na terra para lembrar a realidade do seu duro ofício e da sua modéstia". (12)

(1) Hermilo Borba Filho — Coordenação de — "Arte Popular do Nordeste" — Mamulengo — Secretaria de Educação e Cultura — Prefeitura Municipal do Recife — Universidade Federal de Pernambuco — Recife — PE — 1966 — p. 21.

(2) Henry Koster — "Viagens ao Nordeste do Brasil" — ("Travels in Brazil", 1816) — Tradução e Notas de Luís da Câmara Cascudo — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1942 — p. 300.

(3) Henry Koster — "Viagens ao Nordeste do Brasil" — ("Travels in Brazil", 1816) — Tradução e Notas de Luís da Câmara Cascudo — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1942 — p. 308 — nota (12), de (C.) — Luís da Câmara Cascudo.

(4) Antenor Nascentes — “Dicionário Etimológico Resumido — Instituto Nacional do Livro — Ministério da Educação e Cultura — Rio de Janeiro — 1966 — p. 463.

(5) Laudelino Freire — “Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa — Organizado por — Colaboração Técnica do Professor J. L. de Campos — A Noite — Rio de Janeiro — 1941-1942 — Volume IV — p. 3288.

(6) Antenor Nascentes, ob. cit., p. 108.

(7) J. Galante de Sousa — “O Teatro no Brasil” — Evolução do Teatro no Brasil — Instituto Nacional do Livro — Ministério da Educação e Cultura — Rio de Janeiro — 1960 — pp. 133-136.

(8) Hermilo Borba Filho — “Fisionomia e Espírito do Mamulengo” — (O Teatro Popular do Nordeste) — Edição Ilustrada — Companhia Editora Nacional — Editora da Universidade de São Paulo — São Paulo — 1966.

(9) Hermilo Borba Filho, ob. cit., pp. 292-295.

(10) in: Hermilo Borba Filho, ob. cit., pp. 269-291.

(11) Roberto Lago — “El Teatro Guignol y su Implantación em México — “Anuário de 1ª Sociedad Folklorica de México — México — 1944 — IV — pp. 221-234.

(12) Jacques Chesnais — *Histoire générale dos marionette* — Bordas — Paris — 1947. Apud: Hermilo Borba Filho, ob. cit., p. 3.

“O nome **João** aparece em muitas palavras burlescas ou cômicas: **Janianos** (Em Gil Vicente, *Barca do Inferno*, pág. da ed. Rávah, com o sentido de homem de baixa condição), **Janistroques**, “homenzinho de baixa estofa” (Morais, s. v.), **João mijão**, “homem desairoso” (id.), **João panão**, “homem trapento”, **João Redondo**, “bonecos que os cegos mostram e fazem bailar”. (id.)” (Vd. Serafim da Silva Neto — “Língua, Cultura e Civilização” — Livraria Acadêmica — São Paulo — 1960 — p. 111).

ROSTO PARA LEVANTAMENTO DO TEATRO DE JOÃO REDONDO

Histórico

Nomenclatura

Auto (1) do chamado Brinquedo de João Redondo:
— Extrato, pelo autor, de sua tese — “O Brinquedo de João Redondo” — Aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore (2), realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951, sob promoção da Comissão Brasileira da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO) — Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (I.B.E.C.C.) — Ministério das Relações Exteriores.

(1) Recolhimento, pelo autor, da versão corrente, apresentada por Sebastião Severino Dantas, Bastos, para auto, seguido, adotado, na representação do tradicional Brinquedo de João Redondo, dentro do populário nordestino.

(2) Vd. ANAIS — I Congresso Brasileiro de Folclore — I.B.E.C.C. — Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Comissão Brasileira da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas — (UNESCO) — Ministério das Relações Exteriores — Rio de Janeiro — 1952 — I Volume — pp. 33-35 e 35.

REGISTRO PARA RECOLHIMENTO DO TEATRO DE JOÃO REDONDO

O tradicional Brinquedo de João Redondo, teatro de bonecos, tem rememoração remota, dentro do populário nordestino.

Em sua representação popularizada, com montagem característica, o tradicional Brinquedo de João Redondo apresenta versão seguida, adotada, para desempenho de seu repertório.

Salvo o aspecto de variante, com que pode ser vista a versão recolhida, para oferecimento do auto, observável, encerra a mesma versão, mesmo assim, o valor do seu registro, para domínio da restauração do repertório, representativo do tradicional Brinquedo de João Redondo.

Envolve a ação do tema, criado pela versão recolhida, a configuração de um baile alegórico, alegrado pela participação de suas figuras, reunidas em pares, movimentadas pela graça produzida pela música, entrecortando as cenas desenvolvidas, durante o desempenho do espetáculo.

O motivo central que faz girar as suas figuras representativas, dando-lhes a sequência de pares, parte do enlevo motivado por um noivado, disputado entre pares, no transcorrer do baile alegórico, configurado, para urdidura da representação do espetáculo.

Todas as figuras, componentes, emanam do meio ambiente, donde foram retiradas, para emprestar humanização ao elenco do tradicional brinquedo de bonecos. Mesmo as saídas do meio-animal, quando lembradas pelo dom de falar, completando o reino-humano, estão vivas dentro da credence do fabulário nordestino.

Recorde-se, em si mesmo, o exequente do Brinquedo de João Redondo. É ele mesmo o confeccionante das figuras, representativas do tradicional brinquedo de bonecos, apresentados em sua nomenclatura rústica, revelando o toco do primitivismo de sua modelação.

Conduzindo a tiracolo a sua bagagem — a do Brinquedo de João Redondo —, dentro de um humilde baú, o exequente percorre fazendas e povoados, vilas e cidades, do interior sertanejo, exibindo o popular brinquedo de bonecos, dentro das suas noites alegres, promovidas pela sua fantasia representativa, contagiando assistentes.

Desfeito, recomposto, em sua própria mobilidade de teatro ambulante, o chamado Brinquedo de João Redondo,

como é conhecido, dentro do populário nordestino, tem sua vestimenta característica, para sua representação funcional, obedecendo ao comportamento da modéstia de seu repertório.

É o que procura demonstrar o autor do presente livro, dedicado ao histórico do tradicional Brinquedo de João Redondo.

NOMENCLATURA, pela qual passa a ser configurado o elenco do Brinquedo de João Redondo, segundo relação de seus componentes, apresentados pelo exequente Sebastião Severino Dantas, Bastos:

- 1ª) JOÃO REDONDO — Capitão-Doutor. Chefe do salão.
- 2ª) BALTAZAR. Baltazar de Sousa Miguel.
- 3ª) BARROSO. Encarregado de pasturar o salão.
- 4ª) MINERVINA. Minervina de Moraes. Cavalheira. Dançarina. Noiva de Baltazar.
- 5ª) JULIETA. Filha de João Redondo. Cavalheira e dançarina.
- 6ª) QUITÉRIA. Irmã mais velha de Julieta. Cavalheira e dançarina.
- 7ª) DONA RUFINA. Mãe de João Redondo.
- 8ª) Padre Miguel. Vigário.
- 9ª) DOUTOR SABÓIA. Advogado.
- 10ª) TOBIAS. Tocador.
- 11ª) VENTANIA. Cantador. É visto cantando, em desafio, com seu contedor:
- 12ª) GALDINO. Cantador.
- 13ª) SARGENTO JOSÉ. Representante da autoridade policial, destacada para manter a ordem, dentro da função representativa do brinquedo.
- 14ª) CABO PEDRO e
- 15ª) SOLDADO SEVERINO. Auxiliares.
- 16ª) CLEMENTE. Pai de João Redondo.

17ª) MANÉ MAXIXIM. Cavalheiro.

18ª) MAROJO. Cavalheiro

19ª) CONRADO. Cavalheiro.

20ª) DONA MANUELA. Nome, dado, por que é referida a onça, configurada, em peleja com Baltazar.

21ª) LEÃO. Nome, dado, por que é referido o cachorro, que enfrenta a onça, valendo Baltazar, em peleja com a onça. E

22ª) ROCHEDO. Nome, dado, por que é referido o touro, dentro do elenco do Brinquedo do João Redondo. (1)

(1) Pelas vinte e duas figuras, acima enumeradas e relacionadas, é composto o rol do elenco do Brinquedo de João Redondo, representado pelo exequente Sebastião Severino Dantas, Bastos, em sua versão seguida, adotada, para repertório do tradicional brinquedo de bonecos.

Em sua modelagem, foram confeccionados à mão, de madeira (umburana), pelo próprio exequente Sebastião Severino Dantas, Bastos. São feitos de pano, confeccionados por D. Emiliana Batista, as bonecas (cavalheiras e dançarinas), com a onça, o cachorro e o touro (bichos, participantes), todos integrantes do conjunto representativo da arrolada nomenclatura do chamado Brinquedo de João Redondo.

VERSAO REPRESENTATIVA DO REPERTÓRIO DO BRINQUEDO DE JOAO REDONDO

Recolhida pelo autor, segundo a versão seguida pelo exequente Sebastião Severino Dantas, Bastos, para representação do repertório, adotado, do tradicional Brinquedo de João Redondo.

— Sebastião Severino Dantas, Bastos. Filho de Antônio Severino Dantas e de D. Mariana da Conceição. Nasceu em Nova Palmeira. Estado da Paraíba. Analfabeto.

Conteúdo da versão, apresentada pelo exequente Sebastião Severino Dantas, para sua encenação, representativa:

ABERTURA — ENTRECHO — FECHO:

JOÃO REDONDO e BARROSO. BARROSO:

— Boa noite, senhores todos, homens e mulheres e meninos. Chegou agora mesmo o Capitão Doutor João Redondo, (1) Barriga de três vinténs. Se leva não trás. Se manda não vem...

Para BARROSO:

— Ô Barroso! vou agora mesmo uma viagem no Rio de Janeiro (2), tratar de meus negócios, comprar muitos carros de mercadoria. E quero que você fique pastorando meu salão, para não haver nem dança, nem farra, nem fuxico, nem namoro...

BARROSO:

— Pois não, João Redondo. Pode ir a viagem sem medo que eu garanto o salão. Só não me responsabilizo é por namoro...

Sai JOÃO REDONDO. Aparece BALTAZAR:

— Boa noite, Barroso! Como vai você? Chegou o negrinho Baltazar, que briga a granel e de todo jeito, de frente e de banda. Eu sou um negrinho todo em cima da regra. Bem, Barroso, se dança aqui ou não se dança?

BARROSO:

— Bem, Baltazar, aqui não se dança não, que não dá certo.

BALTAZAR:

— Bem, Barroso, por que não se dança aqui?

BARROSO:

— Bem, Baltazar, (é) por que João Redondo me deixou pastorando o salão.

BALTAZAR:

— Bem, Barroso, a gente faz uma tramóia (3) para João Redondo.

BARROSO:

— Bem, Baltazar, não dá certo não, que João Redondo briga comigo. (4)

BALTAZAR:

— Bem, Barroso, ou danço ou brigo muito.

BARROSO:

— Bem, Baltazar, vamos começar a dança.

Saem BARROSO e BALTAZAR. Aparece MANÉ MAXIXIM. (5)

— Cadê (6) o dono do salão?

Reaparece BARROSO:

— Pronto, eu! Quer dançar Mané Maxixim?

BARROSO:

— Bem, Mané Maxixim, é vinte e cinco mil réis a conta.

MANÉ MAXIXIM:

— Pode trazer as cavalheiras.

Sáí BARROSO. Aparece MINERVINA. MANÉ MAXIXIM:

— Vamos dançar, Minervina?

INTERCALAÇÃO DE NÚMEROS DE DANÇAS. (7)

Sáí MINERVINA. Reaparece JOÃO REDONDO:

— Cadê Barroso, Mané Maxixim?

MANÉ MAXIXIM:

— Ele está matando o sono. (8)

JOÃO REDONDO:

— E ele passou a noite dormindo?

MANÉ MAXIXIM:

— Passou a noite fiscalizando seu salão.

JOÃO REDONDO:

— Você diga a Barroso que vou a minha viagem novamente.

Sáí JOÃO REDONDO. Reaparece BARROSO. MANÉ

MAXIXIM:

— Bem, Barroso, João Redondo foi a viagem dele e disse que você tenha cuidado no salão dele.

Sáí MANÉ MAXIXIM. Reaparece BALTAZAR:

— Bem, Barroso, terá jeito de (9) casar com Minervina?

BARROSO:

— Está ruim (10), Baltazar.

BALTAZAR:

— Tudo na calma se faz.

BARROSO:

— Bem, Baltazar, eu vou fazer uma idéia (11) para você.

BALTAZAR:

— Pois, faça, Barroso.

BARROSO:

— Eu vou inventar um baile no salão para você começar o namoro com ela.

Sáí BALTAZAR. Aparece TOBIAS. BARROSO:

— Tobias, quer tocar o baile hoje?

TOBIAS:

— Quero, Barroso.

BARROSO:

— Bem, Tobias, antes da meia noite é para terminar o baile.

TOBIAS:

— Pois está certo, Barroso.

BARROSO:

— Pode tocar, tocador!

Aparece o soldado SEVERINO. Sáí TOBIAS. BARROSO:

— Mandei lhe chamar (12) para você me auxiliar, porque tem um negro bamba no brinquedo.

Soldado SEVERINO:

— Apois (13) está certo, Barroso.

Sáí o soldado SEVERINO. Reaparece BALTAZAR:

— Bem, Barroso, se dança aqui ou não?

BARROSO:

— Tem uma coisa: se dança, mas no respeito maior do mundo.

BALTAZAR:

— Apois, Barroso, pode mandar tocar.

BARROSO:

— Bem, Baltazar, é para dançar muito direito.

BALTAZAR:

— Bem, Barroso, eu quero dançar com Minervina de Moraes, a filha de João Redondo.

BARROSO:

— Bem, Baltazar, é para dançar com todo respeito.

BALTAZAR:

— Pode mandar tocar, Barroso, que eu quero dançar.

BARROSO:

— Apois toque, Tobias!

Reaparece TOBIAS, Sáí BALTAZAR. TOBIAS:

— Está certo, Barroso, vou tocar.

BARROSO:

— Pois bote o fole (14) para tocar.

Sáí BARROSO. Reaparece o soldado SEVERINO:

— Bem, Baltazar, você aqui não dança.

BALTAZAR:

— Bem, soldado, por que é que não danço aqui? Eu danço aqui e danço acolá.

Soldado SEVERINO:

— Bem, Baltazar, a dança aqui é séria.

BALTAZAR:

— Bem, soldado, você briga mesmo?

Soldado SEVERINO:

— Eu não sei, Baltazar, só sei vendo. É do jeito que você quiser.

Sai o soldado SEVERINO. Aparece o sargento JOSÉ:

— Que é que há, Baltazar? Que valentia é essa aqui?

BALTAZAR:

— É porque eu não nasci para ter medo de homem dentro do meu direito, sargento.

Sargento JOSÉ:

— Num ponto você está direito, Baltazar. Noutro ponto você está errado.

BALTAZAR:

— Por que é que o senhor diz assim, sargento?

Sargento JOSÉ:

— É porque ninguém pode com as autoridades, Baltazar. Você está preso, Baltazar.

BALTAZAR:

— E o senhor me prende sozinho?

Sargento JOSÉ:

— Se precisar de mais eu vou buscar, Baltazar. Com a minha camaradagem esteja preso.

Aparece o cabo PEDRO:

— Pronto, sargento!

BALTAZAR:

— Depois eu vou, sargento, porque o senhor é muito educado. Mas vá com jeito com a louça comigo...

Sargento JOSÉ:

— Vamos embora (15), Baltazar!

Sai BALTAZAR, acompanhado pelo sargento JOSÉ com o cabo PEDRO. Reaparece BALTAZAR com doutor SABÓIA. Doutor SABÓIA:

— Bem, Baltazar, que foi que você fez tanto?

BALTAZAR:

— Mode (16) uma luta em que me vi, doutor. E agora quero que o senhor me tire da cadeia. Requeira uma fiança.

Doutor SABÓIA:

— Pode contar com os meus préstimos, Baltazar. Vou trabalhar para tirar você da cadeia...

Sai BALTAZAR. Reaparece o sargento JOSÉ:

— Bom dia, doutor! Que é que deseja, doutor?

Doutor SABÓIA:

— Bem, sargento, espero que o senhor solte Baltazar com o favor da lei...

Sai o sargento JOSÉ. Reaparece BALTAZAR:

— Pronto, doutor! quanto lhe devo?

Doutor SABÓIA:

Apenas as custas, Baltazar. Você está livre e solto. E pode continuar na sua dança.

Saem doutor SABÓIA e BALTAZAR. Reaparecem

BARROSO e BALTAZAR: BALTAZAR:

— Bem, Barroso, que jeito você faz para eu casar com Minervina de Moraes, a filha de João Redondo?

BARROSO:

— Depende dela, Baltazar.

BALTAZAR:

— Quero que você, Barroso, seja meu padrinho. Diga a ela (17) que sou rico. Não sou negro não. Tenho uma côr segura.

Sáí BALTAZAR. Aparece MINERVINA DE MORAIS.
BARROSO:

— Bem, Minervina, chegou agora um moreno do sul e me perguntou se aqui tem moça bonita. Está arriado (18) por você...

MINERVINA:

— Eu também simpatizei com ele. Mas está ruim, Barroso. Papai não quer que eu me case agora...

BARROSO:

— Ele disse que se você quisesse furtava você... (19)

MINERVINA:

— Mande chamar o moreno, Barroso.

Sáí BARROSO. Reaparece BALTAZAR:

— Boa noite, dona Minervina.

MINERVINA:

— Boa noite, seu Baltazar. Prazer em conhecer. Minervina de Moraes...

BALTAZAR:

— Baltazar de Sousa Miguel... C que me trás aqui é saber se a senhora quer casar comigo. Sou um moreno de côr. Mas livre e desimpedido.

MINERVINA:

— Quero, seu Baltazar. Mas eu só posso casar com o senhor se for fugida...

BALTAZAR:

— Está certo, dona Minervina.

MINERVINA:

— Até mais, seu Barroso.

Sai MINERVINA. Aparece a onça DONA MANUELA

(20). BALTAZAR:

Ô onção, danisca! (21) Como lhe tratam, dona Manuela?

DONA MANUELA:

— Nunca viu gente não, seu Baltazar?

BALTAZAR:

— Com essa cara não, dona Manuela.

DONA MANUELA:

— Então, coma menos, seu Baltazar...

BALTAZAR:

— Será que camarada onça está me estranhando? Só quem não é do amor...

Aparece o cachorro LEÃO:

— Calma, camarada onça! Calma e reflexão.

BALTAZAR:

— Graças a Deus.

Saem DONA MANUELA e LEÃO. Reaparecem JOÃO REDONDO e BARROSO.

JOAO REDONDO:

— Bem, Barroso que é que ha por aqui?

BARROSO

— Minervina quer fugir com Baltazar.

Sai JOAO REDONDO. Aparece padre MIGUEL:

— Que é que há por aqui?

Padre MIGUEL:

— É um grande casamento, de Baltazar com Minervina...

Sai BARROSO. Reaparece BALTAZAR:

— Boa noite, seu vigário.

Padre MIGUEL:

— Faço de graça, Baltazar. Por uma asa do peru...

BALTAZAR:

— Deus lhe pague, seu vigário. Vou matar um boi para a festança...

Sai BALTAZAR. Reaparece de braço dado com MINERVINA, BALTAZAR:

— Pronto, seu vigário.

Padre MIGUEL:

— Como é que se chama a moça?

MINERVINA:

— Minervina de Moraes...

Padre MIGUEL:

— E você, Baltazar?

BALTAZAR:

— Baltazar de Sousa Miguel.

Padre MIGUEL:

Leva gosto em casar com Minervina de Moraes, Baltazar de Sousa Miguel?

BALTAZAR:

Levo, seu vigário...

Padre MIGUEL:

— Minervina de Moraes, leva gosto em casar com Baltazar de Sousa Miguel?

MINERVINA:

— Levo, sim, seu vigário. (22)

Padre MIGUEL:

— Bom, Baltazar, conte seus pecados. Já fez isso, Baltazar?

BALTAZAR:

Já fiz duas vezes, seu vigário...

Padre MIGUEL:

— Isso é pecado estrambólico (23). E essa outra coisa já fez, Baltazar?

BALTAZAR:

— Já, seu vigário...

Padre MIGUEL:

— Isso é um pecado original, Baltazar... E aquilo, Baltazar, aquilo outro? Se fez não me negue...

BALTAZAR:

— Quem confessa seu pecado merece perdão...

Padre MIGUEL:

— Está confessado. Baltazar. Reze uma Ave-Maria e um Padre Nosso. É a penitência que lhe dou...

Para MINERVINA:

— Conte seus pecados, Minervina.

MINERVINA:

— Sim, senhor, seu vigário.

Padre MIGUEL:

— Que fez mais, Minervina?

MINERVINA:

— Eu... Eu..., seu vigário...

Padre MIGUEL:

— Virgem Maria... Nossa Senhora... Que fez mais, Minervina?

MINERVINA:

— Mais nada, seu vigário...

Padre MIGUEL:

— Pois está confessada, Minervina. Estão perdoados seus pecados, Minervina. E com Deus reze uma Avé-Maria e um Padre Nosso, de penitência todo dia...

Saem BALTAZAR e MINERVINA, acompanhados pelo Padre MIGUEL. Reaparecem BALTAZAR e BARROSO.

BALTAZAR:

— Boa noite, compadre Barroso.

BARROSO:

— Boa noite, compadre Baltazar.

BALTAZAR:

— Vou matar o touro Rochedo para festejar o casamento. Já convidei os convidados...

BARROSO:

— Muito bem, compadre Baltazar.

BALTAZAR:

— Ô...ô...boi...dá...á...á...

— Ê...ê...boi...dê...ê...ê...

BARROSO:

— Olhe, compadre, que o touro lhe dá...

Saem BALTAZAR e BARROSO seguidos do touro ROCHEDO. Reaparecem BALTAZAR e o Padre MIGUEL:

— Bem, Baltazar, está tudo muito bem. Mas vou chegando que já é tarde. Muitas felicidades a todos.

BALTAZAR:

— Parece que está gostando da festa, seu vigário? Um copinho de vinho? Só uma coisinha (24) para tirar o sono...

Saem BALTAZAR e o Padre MIGUEL. Reaparecem JOÃO REDONDO e BARROSO:

— Sua filha casou, João Redondo, com Baltazar...

JOÃO REDONDO:

— O que é que está me dizendo, Barroso?

BARROSO:

— É o que lhe estou dizendo, João Redondo.

JOÃO REDONDO:

— Não está bem eu dar um ensino nesse Baltazar, Barroso? Casar com minha filha sem me participarem...

BARROSO:

— Ele quer lhe pedir desculpa e sua filha lhe tomar a bênção...

JOAO REDONDO:

— Pois vamos todos cair na dança. Pode mandar chamar o tocador que eu tambem quero espalnar os pes...

Sai BARROSO. Aparecem CLEMENTE e DONA RUFINA:

— Bem, meu filho, esse negócio de dança não dá certo.

JOAO REDONDO:

— Ô meu pai! E o senhor não farreou tanto na vida?

CLEMENTE:

— Nesse tempo era tudo sério, meu filho, não havia o que se vê hoje.

Saem CLEMENTE e DONA RUFINA. Reaparece MINERVINA:

— Minha bênça (25), meu pai!

JOAO REDONDO:

— Deus te abençoe minha filha! Cadê seu Baltazar? Eu quero conversar com ele...

MINERVINA:

— Com a permissão do senhor eu vou buscar ele...

Sai MINERVINA. Reaparece BALTAZAR:

— Como vai o senhor, meu sogro? Desculpe a ingratidão que eu fiz ao senhor, que é isso da mocidade mesmo...

JOAO REDONDO:

— Está certo, Baltazar. Agora é fazer vida nova. É cuidar da família... Pode buscar os cantadores. Também gosto de uma boa cantoria...

BALTAZAR:

— Vou buscar Galdino e Ventania, dois cantadores de fama...

Seem BALTAZAR e JOÃO REDONDO. Aparecem
GALDINO e VENTANIA,

VENTANIA:

— Eu vou cantar um pouquinho
neste salão de valor...
Vou aumentar minha fama
da minha propriedade...
Eu vou cantar um pouco
na maior sinceridade...

GALDINO:

— Se a mulher fosse uma coisa
que nunca mais se acabasse
não ficasse velha e feia
todo tempo renovasse
fosse igual á cana
que se planta e ela nasce...

VENTANIA:

— Trabalhar para não ganhar
é coisa que não convém...
É fazer careta a cego
esperar por quem não vem...
É querer muito a alguém
sem ser correspondido...

GALDINO:

— Eu ando a sua procura
como animal por capim...
Moça nova por namoro
jardineira por jardim...
Urubu pela carniça
e tamanduá por cupim...

VENTANIA:

— É mais fácil o mar secar
e faltar festa na Bahia
o diabo cantar missa
passar na cruz, dar bom dia
do que Galdino me açoitar na cantoria...

GALDINO:

— É mais fácil o passarinho
correr atrás do gavião...
A galinha atrás da raposa
e o bode atrás do leão
do que Ventania me açoitar no mourão...

VENTANIA:

— Tem três coisas neste mundo
se Deus me desse eu queria:
Duas partes na gramática
e uma na geografia...
Deus cria, Deus dá, Deus mata,
Deus mata, Deus dá, Deus cria...

GALDINO:

— Eu me chamo Galdino
morador no Boqueirão...
Eu dou talho na poeira
que faço baixa no chão...
Eu tenho a força heróica
que Deus deu a Sansão...

VENTANIA:

— Ventania onde canta
os caibros da casa caem...
As mulheres abraçam os maridos
os filhos beijam os pais...
Os pagãos que estão chorando
se calam, não choram mais...

GALDINO:

— Eu comprei uma viola
com trinta mil e quinhentos...
No dia em que toquei nela
Ajustei um casamento...
A moça era bonita
quebrou um juramento (26)

Sob o toque do tocador, finda a função representativa do Brinquedo de João Redondo, vendo-se cavalheiros e cavalheiras dançando, em pares, festivamente.

Reveste-se a versão recolhida, em sua forma expressiva, da matização do linguajar nordestino, dando-lhe a caracterização recebida da eloquência verbal vinda do fator regional.

Em sua urdidura, enredada, encena um baile alegórico, configurado, entre pares, disputando o enlevo de um noivado... Festejado com a alegria de um casamento...

Em sua representação, dramatizada, ganha todo o encanto do seu deslumbramento...

Sob a comunicação da modéstia de um mero teatro de bonecos...

NOTAS DO RECOLHENTE, NUMERADAS, AO TEXTO DA VERSÃO RECOLHIDA:

(1) João Redondo, Capitão, Capitão Doutor, figura principal, sustenta também a tradição da denominação corrente, pela qual é conhecido o tradicional Brinquedo de João Redondo.

(2) "... vou uma viagem no Rio de Janeiro...", por "vou uma viagem ao Rio de Janeiro". Construção, sintática, usual no linguajar nordestino.

(3) "... tramóia...", por "tramamóia", modismo usado no sentido de brincadeira (caçoadá).

— "... para João Redondo", em vez de "com João Redondo", "para com João Redondo".

(4) Observe-se na frase acima, o uso de "bem", isto é: "pois bem". Além do emprego de "que", na acepção de "pois", donde: "Bem(Pois bem), Baltazar, não dá certo não, que(pois) João Redondo briga comigo".

(5) "Mané", forma, de tratamento, dado a Manuel, forma, aférica, de Emanuel.

— "Maxixim", modismo, pelo qual é usado o diminutivo "maxixinho", de maxixe.

(6) Cadê ou quedê, corruptelas de — que é de (?) e de — que é feito de (?). Uma e outra formas são vulgares dentro do linguajar nordestino.

(7) Fora da dialogação, abre-se uma pausa intercalada com números de dança(s), executadas por cavalheiros e cavalheiras, em pares, embalados pela lembrança, evocativa, de uma música vinda do passado.

(8) “Matando o sono”, isto é: dormindo.

(9) Deu (de eu ou d’eu) casar. Observe-se que a redundância, assinalada, suprime a reflexão do verbo casar. Modismo vulgar dentro do linguajar nordestino.

(10) “Está ruim”, isto é: está difícil.

(11) “Vou fazer uma idéia para você.” O mesmo que se dizer: Vou fazer uma idéia (ciência, invenção) para você (ver).

(12) O verbo chamar tem também uso transitivo-predicativo, no sentido de apelidar, dar nome de: “A linda Marcela, com lhe chamavam os rapazes do meu tempo” (Machado de Assis, “Brás Cubas”, 48).

(13) “Apois”, forma vulgar de pois.

(14) “Fole”, designação dada, vulgarmente, a realejo (de mão), sanfona, consertina.

(15) “Vamos embora”, por: Vamo-nos embora.

(16) “Mode”, isto é: devido.

(17) “Diga a ela”, por: Diga-lhe.

(18) Está “arriado” (apaixonado).

(19) O verbo furtar, na frase observada, é empregado no sentido corriqueiro de furtar (esconder) moça, para com a mesma vir a casar-se.

(20) Vem da riqueza do fabulário nordestino a crença de que os animais (bichos) falavam antigamente, sendo lembrados também pela própria denominação adquirida.

(21) “Danisca”, isto é, danada.

(22) “Seu vigário”, isto é: Senhor vigário.

(23) "Estrambótico, De estramboto, q. v., e suf. — ico. Extravagante, esquisito, como o acréscimo que se faz ao soneto." (Vd. Antenor Nascentes, "Dicionário Etimológico Resumido" — Instituto Nacional do Livro — Ministério da Educação e Cultura — Rio de Janeiro — 1966 — p. 301).

(24) "Coisinha", diminutivo, de coisa, usado com o sentido de muito pouco.

(25) "Bença", forma vulgar de bênção.

(26) O desafio, em forma de peleja, disputado entre Ventania e Galdino, cantadores, obedece aos ditames da cantoria consagrada pelo populário nordestino, através da fertilidade do manancial do seu estro, tocado pelo poder repentista de sua inspiração.

EM CONCLUSÃO:

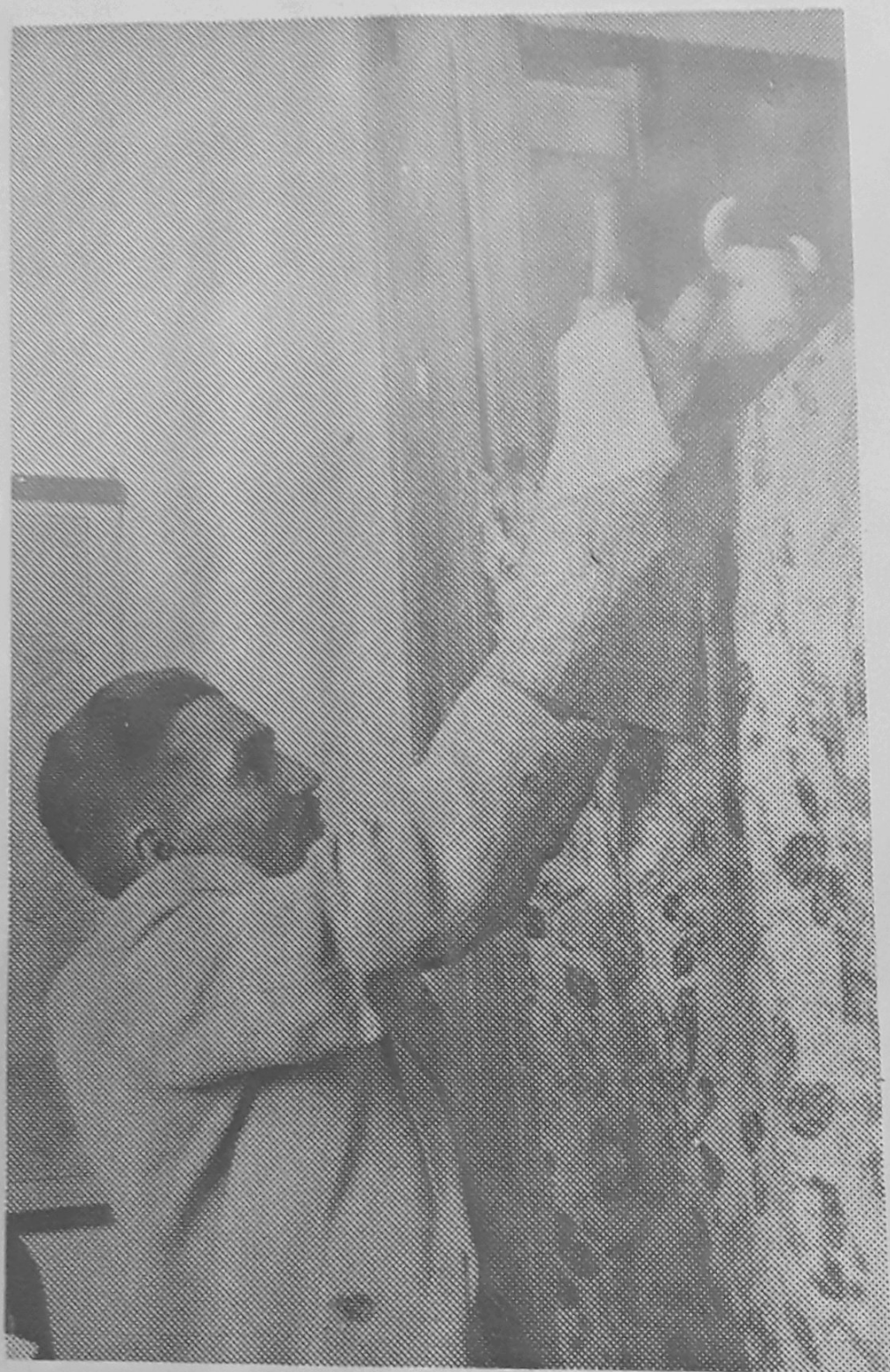
— Aceitável é a origem universal do teatro de títeres perdendo-se na delonga do tempo a memória de sua função representativa.

— Sustentável é que o chamado Brinquedo de João Redondo, através de sua representação, dentro do meio nordestino, passou a adotar uma versão, para exibição do seu repertório.

— Esse, todavia, criado e vestido com a caracterização testemunhada na versão recolhida no presente trabalho.



1) Sebastião Severino Dantas, Bastos, exequente do Brinquedo de João Redondo e a seu lado o recolhente José Bezerra Gomes.



III) O exequente, dentro da tolda armada, movimenta das figuras (Baltazar e o touro Leão), representativas do Brinquedo de João Redondo.



JOAO REDONDO:
“... Chegou agora mesmo o Capitão Doutor João Redondo...”